

BLIZZARD ENTERTAINMENT

Andarilho

Cameron Dayton



Medo

A irmã morta aparecia ao pôr do sol. Sempre ao pôr do sol.

O céu sangrava, as sombras se adensavam na noite e ele parava para ver o sol sumir entre as montanhas. E então o som murmurante da brisa noturna se transformava no lento arrastar de pés trôpegos. Os pés dela... frios e brancos, tendões esgarçados e ossos rachados, machucados pela caminhada de incontáveis quilômetros por rochas encapadas de gelo. Não importava o quanto Kehr houvesse viajado naquele dia, quantos rios tivesse atravessado, quantos penhascos tivesse escalado. Ela aparecia ao pôr do sol.

O homem alto e forte se ocupou em acender a fogueira enquanto o ruído dos passos dela ficava mais próximo. A madeira se tornava mais abundante à medida que ele se aproximava da Mata Sharval, e Kehr tentou se confortar com o pensamento de comida quente depois de semanas de carne seca. Não era nada muito animador, como ele bem sabia. Os passos claudicantes sempre traziam consigo um calafrio insidioso, uma sensação fluida de gelo e horror que o cercava e parecia molhar sua pele. Os passos pararam nas trevas, antes de chegar à luz da fogueira.

Kehr não queria olhar para o alto, não queria ter que lidar com ela. Mas ela não iria embora até que ele o fizesse. O homem esperou até o fogo ficar mais forte e brilhante, e então se endireitou. Ele suspirou pesadamente no ar frio do crepúsculo e disse:

— Diga as palavras, Faen. Diga e vá embora.

Ela deu um passo lento em direção à luz, depois mais outro. Kehr olhou para as chamas e passou a mão na cicatriz do próprio peito. Mais um passo e ela se postou diante dele. Uma tora de madeira se moveu, estalou e cuspiu faíscas para o alto. Kehr se forçou a seguir as faíscas com os olhos, erguendo a vista do fogo e passando a encarar aquela coisa que já fora sua irmã. Ele devia-lhe aquilo.

O calor já aquecia sua carne pálida, e o cheiro repelente de corrupção ficou mais forte. Seguir o irmão por tantas semanas causara muitos danos ao corpo cinzento e cambaleante de Faen, e Kehr mal a reconhecia.

Os olhos dela eram poços negros, sombras fundas no lugar do azul celeste de que ele lembrava. Tudo o que restara das tranças douradas da irmã pendia-lhe do crânio em massas empastadas cinzentas, e o peso de um dos torrões estava soltando a pele da face. Kehr olhou e viu a carne amarelenta se rasgando, deixando cair o tecido podre e os cabelos no chão com um baque úmido. Os membros raquíticos da irmã tremiam ao vento, pontas esqueléticas marcadas na pele que parecia um pergaminho molhado. Kehr se perguntou se Faen ainda sentia alguma coisa. Ela se inclinou para adiante e apontou para o peito dele com um dedo ossudo e trêmulo.

— Kehr. Kehr Odwyll.

Como ela conseguia falar com a boca arruinada, com a mandíbula caída, a língua negra tão inchada e dura que chegava a empurrar a bochecha dilacerada? Como ela podia estar ali, tremendo com fúria mórbida, depois de ter ficado enterrada ao pé do monte Arreat por tantos anos? Kehr sabia que não deveria ter retornado, que não havia perdão para ele nestas terras convulsas. Ele não conseguira encontrar o caminho para os penhascos silvestres do seu povo e passara longos dias vagando sem rumo por colinas estranhas e retorcidas. O vale da tribo do Cervo já fora um lugar familiar e verdejante. Agora tudo mudara. Tudo se perdera.

Mas Faen o encontrara. E o seguira enquanto ele fugia.

— Kehr Odwyll. Traidor. Traidor!



Irmã

O sol da manhã veio cedo demais, e a fogueira não conseguira afastar o frio dos ossos de Kehr. Ele saiu de debaixo do grosso pelego de pele de urso e se levantou, espreguiçando seus dois metros de cicatrizes e músculos. Com o passar dos anos, Kehr adotara o costume das Ilhas Skovos de rapar o cabelo da cabeça e do rosto com uma lâmina. Aquilo fazia sentido nas terras quentes, fazia com que ele se sentisse menos forasteiro. Mas agora o vento frio parecia estranho à sua pele nua. Apenas algumas semanas sob os céus de inverno bastaram para fazer Kehr ansiar pela barba indômita e as longas tranças de sua juventude. Ele passou os dedos ásperos no queixo coberto de pelos duros e se perguntou se Tehra o reconheceria.

Pensar sobre sua amante ainda causava um incômodo que lhe corroía o peito. Não era mágoa ou culpa ou saudades — não exatamente. Era a dor de um erro recoberto por tecido calejado e remorsos, um erro que jamais seria alterado, que só poderia ser enterrado mais e mais, num esforço para abafar a dor, ou pelo menos distanciar-se dela. Kehr sacudiu a cabeça.

A viagem de volta seria longa. O Golfo de Hespéria ficava além das Montanhas Kohl, ao sul, e lá Kehr sabia que poderia contornar a península num navio mercante. Os mercadores sempre estavam dispostos a contratar seguranças para cuidar das cargas e assim poderem visitar os bordéis pelo caminho. Kehr conhecia os idiomas dos mercadores de Therat, Lut Gholein e das ilhas. Ele poderia facilmente convencer um empregador em potencial de que não era um dos primitivos selvagens das Terras do Pavor, e sim um guerreiro mais civilizado. Depois disso tudo seria fácil. Ele navegaria por Hespéria e Porto Real e chegaria a Philios. E lá... Lá ela o aguardava, naquele lugar de colinas ondeantes

e música alegre; onde havia vinho e carne e risos e braços mornos e delgados. Lá ele esqueceria seus deveres, o frio e o implacável senso de remorso.

Por que ele fora até ali? Para encontrar seu povo? Implorar por perdão? Pois bem, eles o encontraram. Ou pelo menos Faen o fizera.

Cobrindo os restos da fogueira com terra, Kehr tentou afastar as lembranças da noite anterior e se concentrar na jornada vindoura. Os picos das montanhas à frente eram desconumais, mas eles eram verdejantes, habitados, vivos... uma mudança bem-vinda depois das últimas semanas. A mão de Kehr foi até o peito.

Ele disse a si mesmo que não estava traindo ninguém. Não estava se eximindo do dever, pois os que vigiavam tais assuntos já haviam partido. Ele estava abandonando uma terra vazia, que já não tinha direitos sobre ele. Kehr desejara se redimir, encontrar alguma maneira de dar fim à culpa dolorosa. Mas em vez disso ele só encontrara o silêncio e uma nova dimensão de desonra que revirava seu estômago a cada visita de Faen. O mesmo pensamento passava e repassava por sua mente: ele não estava traindo ninguém. Não dessa vez.

Além da próxima elevação, Kehr sabia que encontraria a sinuosa trilha de caça que ele percorrera há dois meses, em sua jornada até ali. Depois, bastaria seguir pelas estradas maiores que cruzavam o lado norte da serra Kohl até chegar à Trilha de Ferro.

A Trilha de Ferro. Uma estrada antiga, vestígio em ruínas de um império perdido que se estendera dos desertos de Aranoch até o Oceano Glacial. Calçada com grandes blocos de xisto cor de ferrugem, a Trilha seguia larga e confiável desde os confins gélidos de Ivgorod, passando pela serra das Montanhas Kohl, até o sopé ocidental de Khanduras. Outrora uma passagem vital para o comércio e as tropas imperiais, ela encurtava a jornada por entre as montanhas para semanas, em vez de meses. Mas o melhor é que a estrada caíra em desuso há muitos séculos, e agora estava abandonada e quase completamente esquecida. Reis do norte, chefes e senhores tribais não tinham muito contato com os vizinhos nestes tempos caóticos. A destruição de Arreat trouxera o medo aos corações das nações próximas, e a maioria preferira fechar os portões, reforçar as muralhas e entregar o mundo lá fora à selvageria.

Isso significava que a trilha estaria livre de viajantes e bandidos. Kehr poderia dar conta deles, mas preferia viajar sozinho. Erguendo Escárnio, sua enorme espada montante, sobre os ombros, o guerreiro se virou e partiu em direção às montanhas.

Dez dias de viagem puxada se seguiram. Dez pores do sol, dez visitas da irmã morta. Um dos braços dela fora comido por vorazgos, e o crânio, agora pelado, amarelecia. Mas ainda era Faen. Ainda era a voz dela, ainda a condenação. Ele se perguntou se algum dia se acostumaria à repulsa, ao horror de sua presença. Ele se perguntou se deveria.

Kehr se preocupava imaginando se Faen iria segui-lo pelos Mares Gêmeos e por todo o caminho até Philios. Uma ideia tomava forma em sua mente, gritando para se fazer ouvir: e se ele a atacasse? E se ele enfiasse sua poderosa lâmina naquele frágil e trêmulo corpo, transformando-o numa pilha de ossos estilhaçados e carne podre? Isso a libertaria do tormento? Será que libertaria *ele*?

Kehr prendeu o pelego nos ombros. Não. Ele não poderia fazer isso com a irmã. Merecia as palavras e o ódio dela. Fizera valer tal distinção.

Afastando os pensamentos sombrios, o homem encontrou conforto na caminhada puxada e na terra empurrando-lhe os pés. Quer fosse pelo desejo de abandonar aquelas terras ou de retornar a um clima mais agradável, ele agora perfazia aquele trecho da jornada com bastante rapidez. A Trilha de Ferro estava logo à frente, e Kehr soube que sua velocidade aumentaria ao chegar na estrada pavimentada. Logo tudo estaria esquecido. Tudo isto estaria no passado, e talvez Faen ficasse por ali, nos ermos frígidos, no lugar dos mortos.

Kehr suspirou e tentou pensar em vinho, na luz do sol, no som ritmado de ondas contra a areia da praia. Seu estômago roncou. Comeria o último pedaço de carne seca há dois dias, e encontrar caça se provou mais difícil do que imaginara. O guerreiro se concentrara apenas em partir daquele lugar, abandonar seu lar em ruínas tão rápido quanto pudesse. Mas compreendeu que deveria gastar algum tempo e esforço procurando comida.

Dali a um suspiro seus pensamentos foram interrompidos por um grito... e depois, gritos. Vindos da estrada à frente, atrás das touceiras de vegetação árida que ladeavam a Trilha de Ferro naquelas baixas altitudes. Kehr se agachou e saiu da trilha que vinha percorrendo, dando a volta pelas árvores para poder ver melhor.

Eram, obviamente, refugiados. Homens, mulheres, crianças — dezenas de camponeses sujos, magros, vestidos em farrapos, carregando os poucos pertences em cestas, bolsas, até enrolados em lençóis. Assim como Kehr, eles acharam que a estrada estaria vazia. Mas ao contrário dele, viajavam sem rumo. Havia formado uma fila pela estrada, sem pensar nas feras, bandidos ou coisas ainda piores que poderiam atacá-los. E havia muitas coisas piores que bandidos nas montanhas próximas.

Kehr sentiu o cheiro antes de vê-los, e seu estômago embrulhou. Os khazra. Criaturas deformadas, desgrenhadas, híbridos perversos de homem e bode que costumavam andar em bandos. Eles eram fortes, musculosos, tinham longos braços cobertos por tendões emaranhados sob o pelo imundo e grosseiro. Suas pernas se dobravam para trás em um ângulo bestial e terminavam em negros cascos fendidos. Os ombros dos khazra eram puro músculo animalesco tensionado, cruzado de veias sinuosas e terminando em uma hedionda cabeça de bode com olhos de pupilas negras como fendas e chifres recurvos. Kehr enfrentara tais feras antes — várias vezes, em suas andanças mais ao sul — e as lembranças tinham gosto de bile. Os khazra davam na carne o testemunho grotesco das obras demoníacas nos homens.

Kehr viu um par de caprinos se aproximando pela estrada com intenções mortíferas enquanto os refugiados gritavam e corriam. Alguns corpos já se espalhavam pela trilha em monturos tingidos de vermelho. Mais khazra iam de um cadáver a outro, saqueando os mortos de suas vestes precárias. Kehr sentiu sua inquietação tornando-se raiva, mas ele a conteve. Não era sua luta nem seu dever. Apenas retardaria sua viagem, e não havia muito que ele pudesse fazer. Ele não devia nada aos andarilhos, tolos que escolheram viajar por uma estrada aberta sem armas. Kehr não tinha nada o que fazer ali.

Ele estava prestes a voltar por onde viera quando viu o lenhador. Vestido em roupas marrons simples, seu fardo de lenha espalhado pelo pavimento gasto, o pobre homem atraía a atenção das feras. Ele se postava em pé sozinho com o machado simplório levantado enquanto os khazra o cercavam, gargalhando com vozes agudas e tremidas de bode. Os caprinos estavam armados com piques e lanças rústicas e se alternavam em cutucar com elas o lenhador sempre que ele lhes virava as costas. Alguns pontos rubros já se espalhavam por seu corpo. Os outros refugiados aproveitaram a oportunidade para escapar para as árvores próximas, abandonando o lenhador ao que parecia ser uma morte demorada e excruciante. Ele se voltou para revidar uma estocada traiçoeira, e Kehr viu o que ele carregava no outro braço. Era uma criança.



Vida

Aron já não tinha esperanças, sem saber se conseguiria manter o machado erguido por mais tempo, quando um rugido gelou o ar. Os monstros se voltaram balindo surpresos e uma tempestade trovejante de aço furioso se abateu sobre eles. Cambaleando para trás, Aron ergueu o machado e apertou a menina mais forte em seu braço, rezando para que essa nova ameaça lhes concedesse uma morte mais rápida.

Então os caprinos à sua frente caíram em pedaços, esguichando sangue. Aron viu a nova ameaça e ficou sem ar.

Era um homem. Um gigante maior até que os caprinos. Um homem, parado, pingando sangue que fumegava ao ar frio da manhã. Ele usava um pelego de urso sobre os ombros maciços e suas pernas estavam cingidas com pedaços desparelhados de armadura de placa e malha. Botas pesadas de couro de boi. Peito nu, coberto de cicatrizes. As mãos grossas, nodosas e ásperas seguravam o cabo de uma arma terrível, tão grande quanto ele. Três vezes maior do que o machado de Aron, forjada de metal negro furioso e marcada dos dois lados da lâmina. Uma ferramenta da morte, rude e brutal, que pairava no alto como uma extensão do braço do homem.

Só poderia ser um bárbaro. Aron ouvira histórias sobre esses homens em seu vilarejo distante, ao pé das montanhas ao leste. Histórias sobre gigantes selvagens que protegiam a montanha sagrada e comiam os que ousavam se aventurar lá perto. Mas o lenhador jamais poderia imaginar que tal força estupenda pudesse existir em uma criatura mortal. Tamanha agilidade e poder ferozes ao comando de um homem.

Os khazra que estavam saqueando os corpos mais para diante largaram os trapos e começaram a gritar. Colunas de vapor se ergueram de seus dentes amarelos. Mais khazra apareceram do lado da trilha, e os que perseguiam os últimos refugiados agora retornavam ao ouvir o chamado. Aron contou oito feras no total, ficando cada vez mais corajosas ao bradar em uníssono com vozes odiosas, encarando seu alvo solitário. Eles abaixaram a cabeça, se reuniram num grupo compacto e atacaram.

O bárbaro respirou entredentes, mudando a arma de posição para que pudesse estender a mão para Aron.

— Seu machado.

Aron entregou o machado no mesmo instante. Parecia muito frágil naquela mão enorme. Erguendo a arma até os olhos, o bárbaro pareceu aprová-la:

— Robusto. Não foi feito para partir gravetos.

Os caprinos ganhavam velocidade, seus cascos batendo agudamente contra a pedra. O bárbaro queria conversar sobre machados enquanto a morte se aproximava célere? Que tipo de louco era aquele?

— É... quer dizer, não, não. Era do meu pai — gaguejou Aron. — Ele era da milícia do...

Em um movimento fluido, o bárbaro ergueu o braço e então arremessou o machado para frente. Aron viu a arma girar, um borrão de aço que esmigalhou o crânio de um khazra e foi se enterrar no peito de outro. Uma criatura tombou para diante, a outra tropeçou na primeira e caiu, imóvel. Os monstros restantes se aproximavam agora mais lentamente, fazendo um semicírculo para cercar o alvo.

Aron foi até o corpo caído de uma das criaturas, esperando pegar uma lança para tentar ajudar seu defensor a oferecer resistência antes que eles fossem sobrepujados. O bárbaro grunhiu e lhe aplicou um chute no quadril, derrubando-o. Aron caiu protegendo a criança e olhou para trás, amedrontado.

— Fique abaixado.

Aron se agachou e manteve o braço ao redor de sua protegida. Ela tinha parado de chorar, o que o preocupava, mas talvez fosse melhor se ela tivesse desmaiado. Os caprinos tinham-nos cercado e uma espuma vil escorria de suas bocas. Eles estavam furiosos, e Aron sabia por experiência própria que esquartejariam suas presas num frenesi sangrento. Kehr trouxe a lâmina mais perto de si, braços dobrados e prontos, e Aron viu os músculos do bárbaro pulsando com força latente.

A paciência dos caprinos acabou e eles atacaram Kehr, bradando alto. Aron olhou para o alto e viu o defensor fechar os olhos, e então — “pelo Inferno Ardente!” — sorrir. O bárbaro se inclinou para trás e o sorriso se tornou uma careta de escárnio. Ele girou o corpo em um arco negro com toda a força na direção dos monstros. Aron se encolheu ao ouvir a arma pesada assobiando e cortando o ar frio acima da sua cabeça. Os monstros calcularam mal o alcance daqueles braços mortíferos, e os quatro mais próximos foram pegos no crescente fatal. Não foi um corte: o golpe *obliterou* as feras em um instante, partindo espinhaços, estilhaçando ossos, rasgando a carne e fazendo sangue borrifar em Aron, enchendo seus ouvidos, nariz, boca e olhos com o líquido quente e pegajoso. O lenhador limpou o sangue da cara, tossindo. Oito formas trêmulas e bambas se espalhavam pela estrada. O bárbaro estava com um joelho encostado no chão, respirando forte, seus braços virados na direção de onde a lâmina se fincara fundo em um bloco do pavimento. Os dois khazra restantes, mais inteligentes que os primeiros, tinham esperado que o bárbaro se virasse para puxar a espada, e agora urravam ao se aproximar de suas costas expostas.

Aron tentou gritar, tentou avisar o homem sobre o perigo iminente, mas engasgou com o sangue coagulado. O bárbaro se agachou e então deu impulso para o alto, erguendo a espada e a enorme pedra na qual ela se fincara e arremessando a pedra nas feras que se aproximavam. A rocha esmigalhou os vultos como um martelo em uma barra de manteiga, achatando-os e rachando com um estrondo alto. Estilhaços úmidos do tamanho de punhos assobiaram por cima da cabeça de Aron.

E então... acabou. Silêncio. O bárbaro se postou triunfante no ar da montanha, um deus esculpido de sangue, morte e fúria. Aron jamais vira nada tão aterrorizante e temeu aquela figura imponente. Ficou olhando enquanto o homem se afastava com a arma nos ombros até uma certa distância adiante na estrada. Ele estaria partindo? Não. Kehr se abaixou para recolher o machado ensopado de sangue do peito do khazra e então retornou. Estendeu ao lenhador o cabo da arma e acenou com a cabeça.

— A trilha está segura para vocês passarem. Os khazra não atacam um inimigo mais forte duas vezes. As notícias se espalham rápido entre eles.

Aron estendeu a mão para pegar o machado e parou. A trouxinha em seu braço estava quieta. Quieta e esfriando. Só então ele percebeu a marca úmida e escura onde uma lança penetrara suas defesas.

Aron baixou a cabeça.

— Não... não, não!

Chorando, ele a abraçou forte e caiu de joelhos. O bárbaro viu aquilo e achou que havia entendido a situação:

— Eu o vi tentando protegê-la, lenhador. Não havia nada mais que você pudesse fazer para salvar sua filha. — Kehr cuspiu no chão, acenando com a cabeça para os refugiados retornando timidamente para a estrada. — Você cumpriu com seu dever de pai.

— Não — disse Aron, e sua voz fraquejou. — Ela não é minha filha. Eu tentei protegê-la quando os caprinos atacaram e mataram os pais dela. Ela não é minha filha.



Morte

Kehr acompanhou os refugiados. Eles imploraram sua proteção, ofereceram comida e umas poucas peças de prata em troca de sua companhia. O bárbaro aceitara o pagamento modesto e aceitou escoltá-los sem muitas palavras. No que lhe dizia respeito, essas pessoas já estavam mortas, ou logo estariam, assim que seus caminhos se separassem. Ele só estava compartilhando a estrada com eles, mas lutaria por eles até que a Trilha de Ferro se voltasse na direção de Khanduras. Será que Faen ainda iria persegui-lo se ele viajasse acompanhado? Ele esperava que não, mas ainda assim decidiu passar o período do pôr do sol sozinho para que eles não o ouvissem. Não fazia sentido assustá-los ainda mais. Além disso, seria um pouco reconfortante caminhar em meio a vozes vivas por um pouco. Quanto aos viajantes, eles mantinham distância do homem, com medo daquele acompanhante silencioso, mas temendo se afastar demais dele.

— Você é um bárbaro, não é?

Era o lenhador. Kehr perdera o rastro do homem depois que este se afastara para enterrar a criança desconhecida, e só agora se apercebera de sua aproximação. Acelerando o passo, Kehr concordou com um grunhido.

— Foi o que eu pensei. Quem mais poderia brigar em pé de igualdade com aqueles monstros? Quem mais usaria um arado como se fosse uma adaga? — O lenhador sacudiu a cabeça, sorrindo.

Kehr franziu a testa. Talvez ele tivesse se enganado quanto ao conforto de vozes vivas. Já fazia longas semanas desde que ele trocara palavras com um homem... e o bárbaro se perguntou se as conversas sempre tinham lhe parecido triviais e vazias. De qualquer forma, ele se impressionara com a perspicácia do lenhador. Escárnio fora de fato forjada a partir de um arado. Kehr mexeu os ombros e ouviu as tiras grossas de couro que seguravam a arma rangendo às suas costas com a pressão.

O camponês deu alguns passos para frente, tentando ser notado por Kehr, e disse:

— Eu duvidei no começo. Por que você não tem a barba grande nem as tranças que as histórias mencionam...

Kehr limpou o pigarro.

— Se você não quiser conversar, eu entendo. Eu só queria agradecer.

Curvando a cabeça num cumprimento, ele deixou que Kehr o ultrapassasse. Kehr prosseguiu, embora notasse que, mesmo contra sua vontade, tinha ficado intrigado com o lenhador. Eis ali um homem que se postara firme para defender a filha de um estranho quando outros tinham fugido, um homem que viera expressar gratidão quando outros tinham se afastado com medo. Tal fibra era rara, especialmente entre o povo comum. Kehr se voltou para ver se o lenhador havia se afastado, e se surpreendeu ao vê-lo a apenas alguns passos atrás.

— Você pisa leve, lenhador. Aprendeu isso caçando árvores?

O homem riu. Um som surpreendentemente caloroso naquele lugar.

— Não havia desses khazra nas florestas quando eu era criança, mas ainda assim não era bom fazer muto barulho. É difícil catar lenha fugindo de um urso.

Kehr concordou com a cabeça. Era uma boa explicação, mas havia algo mais na história que o lenhador não estava contando. “Todos têm segredos”, pensou o bárbaro, e deixou o assunto morrer.

— É a primeira vez que você vê caprinos?

— Eu já tinha visto antes, mas não tantos. Nos últimos dois anos eles têm aparecido, caçando em grupos de três ou quatro, geralmente em lugares mais altos, onde os cascos deles os ajudam a se mover mais rápido. Nós os olhávamos com desconfiança, mas eles pareciam evitar pessoas armadas aqui mais perto do chão. Mas agora... eles estão por toda a parte ao longo das montanhas Kohl, dos picos até os sopés.

Aron apertou o cabo do machado. Kehr notou que pensamentos sinistros passavam pelos olhos do lenhador, que disse:

— Eles... Pareciam estar organizados. Nunca tinham demonstrado coordenação nem iniciativa, mas então começaram a atacar vilarejos mais remotos. Há sete dias eu esbarrei com um bando deles subindo o vale em direção à nossa cidade, Dunsmott. Consegui avisar as pessoas e nós fugimos ao pôr do sol, levando conosco o que foi possível pegar às pressas. Seguindo pela Trilha de Ferro, nós nos juntamos a outros, todos contando a mesma história.

O lenhador fez um gesto com o braço, abarcando a caravana trôpega que os seguia, e mostrou:

— Nós somos os primeiros. Isso aqui vai virar uma fila sem fim de refugiados procurando proteção, se algo não for feito para deter os ataques.

A afirmação fez Kehr pensar.

— Nadaserá feito para combater os khazra, lenhador. Estas montanhas são terras de fronteira. Nenhum rei as governa nem protege. Faça seu povo sair das montanhas Kohl para um lugar seguro. E fique por lá.

O homem menor caminhou mais devagar enquanto considerava o que Kehr dissera, e então deu um sorriso amargo. Ele pareceu ter chegado a alguma decisão, e em seguida estendeu a mão para Kehr.

— Nós somos um povo rústico das montanhas, mas isso não quer dizer que somos idiotas. Nossa intenção é seguir pela estrada e então descer até as terras baixas de Hespéria... lá nós vamos começar de novo... eu acho. Meu nome é Aron.

O lenhador manteve a mão estendida até que Kehr finalmente grunhiu e a tomou em seu punho encaixado. O bárbaro sacudiu a mão de forma automática e a soltou.

— Eu sou Kehr Odwyll, último membro da tribo do Cervo.

— Último?

— Meu povo já não existe. Arreat os levou em sua fúria.

— Eu... eu sinto muito. Não consigo imaginar perda maior que ser separado do próprio povo. É por isso que, não importa os perigos que eu enfrente, eu sempre seguirei com eles. — Aron apontou para os refugiados.

Kehr e o lenhador deram mais alguns passos.

— Mas — indagou Aron — como você sobreviveu à destruição? As notícias da destruição da montanha chegaram até mesmo ao meu humilde vilarejo. Que milagre preservou sua vida?

Kehr não respondeu. Ele fixou a mirada na Trilha de Ferro e apressou o passo até ultrapassar Aron. “Todos têm segredos”, o bárbaro pensou, e deixou o assunto morrer.

O sol descia no céu e a caravana maltrapilha atrás de Kehr logo montaria acampamento para passar a noite. Os aldeões estavam bem afastados dele, mas ainda assim o bárbaro subiu as rochas mais distantes da estrada. Talvez tanta precaução não fosse necessária... mas era melhor se garantir.

Faen apareceu naquela noite. Sua mandíbula se perdera na viagem, deixando a língua negra e úmida pendurada contra a carne fibrosa da garganta. Mas as palavras eram as mesmas. Kehr esperara que viajar com aquelas pessoas a mantivesse afastada. Que proteger a vida delas pudesse redimi-lo aos olhos da irmã. E ele também ousara desejar que ela só existisse em sua mente, que fosse somente o resultado de sua culpa pustulenta. Mas o calafrio subindo por seus braços e ombros era fluido e gelado. Era real. O calor gélido da fúria não apaziguada de Raen ainda queimava.

Kehr percebeu que teria que passar as noites da jornada longe de Aron e de seu povo.



Traidor

Kehr se enganara a respeito dos caprinos. Ele conteve outros dois ataques na manhã seguinte, e mais três refugiados morreram na carnificina. Sete khazra decoravam a Trilha de Ferro com seus cadáveres, e Aron começou a se preocupar com quantos chifres recurvos ele teria que se haver até chegar a Hespéria. Os khazra tentavam surtidas rápidas sempre que o bárbaro se afastava demais do grupo.

Com seus temores aumentados, os aldeões agora caminhavam aglomerados e a apenas dez passos do protetor. Aron seguiu a pequena caravana de vinte pessoas, machado na mão e a postos, e alguns dos homens mais robustos haviam pegado armas das feras mortas. Essa formação se mostrou eficaz contra os monstros covardes, e não houve mais ataques aquele dia.

Kehr ajudou os refugiados a erguer um acampamento defensável, e então — apesar dos protestos — saiu de perto deles enquanto o sol descia lento atrás dos picos ocidentais. O bárbaro alegou desejar fazer o reconhecimento das colinas próximas para identificar possíveis pontos para ataques no dia seguinte.

Aron sabia que Kehr estava mentindo, e viu medo na face do bárbaro.

Mas Kehr retornou pouco depois de escurecer, para o alívio dos refugiados. Aron percebeu que qualquer coisa de sinistro acontecera. O bárbaro trouxera uma friagem junto a si, um calafrio palpável que mordida mais fundo que o ar da montanha. Como se o sol tivesse levado consigo o calor e a vida de Kehr Odyll, arrastando-os consigo ao tombar por trás das montanhas Kohl. O lenhador achou mais prudente ficar quieto perto do homenzarrão.

Aron deu ao bárbaro uma boa porção da comida que os aldeões levavam. A viúva enfezada do prefeito separara a comida de Kehr, sob os olhos dos refugiados famintos. O bárbaro aceitou sem questionar, e começou a comer em silêncio. Aron se perguntou qual teria sido a última vez que o bárbaro comera, e se as frutinhas e caça pequena que a caravana coletava pela estrada seriam suficientes para saciar Kehr e permitir aos refugiados chegar em Hespéria antes da inanição.

Aron falara com a viúva, uma senhora de expressão avara chamada Seytha, quando Kehr se afastara ao anoitecer. Ele lhe dissera que o bárbaro não estava tentando prejudicá-los intencionalmente. Ele só não estava acostumado a viajar com pessoas tão dependentes e despreparadas. Apesar de seus modos taciturnos, Kehr estava comprometido a fazer com que os aldeões chegassem ao fim da viagem. A mulher não se deixou convencer e apenas encarou o espaço atrás de Aron, na direção da trilha.

O lenhador montou guarda aquela noite com Daln, que cuidava dos porcos. Armado com uma pá torta, o velho provara ser mais durão e corajoso do que muitos jovens. Daln gaguejava e parecia estar sempre pasmo. Depois de viver sessenta anos na mesma área em Dunsmott, essa jornada se mostrava atribulada e incompreensível para ele. Não houve ataques aquela noite, nenhum sinal dos caprinos pela primeira vez desde que os aldeões abandonaram suas casas. Daln perguntou, gaguejando, o que o bárbaro fora fazer quando anoiteceu, que parecia ter assustado os monstros. Ele perguntou se Kehr invocara algum deus frio das Terras do Pavor para proteger os refugiados. Aron disse ao velho que calasse a boca e pusesse os olhos na estrada. “Não se questiona os galhos de um carvalho caído. Nós os coletamos apenas, e ficamos gratos.”

Os dias se sucederam e uma semana se passou. Os ataques diminuíram mas não cessaram de todo. Aron via os perseguidores da caravana, geralmente um par de batedores seguindo pelos picos dos lados da estrada. Ocasionalmente outros dois khazra apareciam, e então, encorajados, sequer se esforçavam para permanecer ocultos. Para Aron aquilo era quase tão exasperante quanto os ataques diretos: a presença constante de silhuetas bestiais recortadas contra a serra, o som de cascos na rocha, o vento carregando os balidos odiosos pela trilha como um vago cheiro de carne estragada.

O comportamento de Kehr melhorou à medida que a Trilha de Ferro iniciou sua longa descida até os sopés das montanhas, e Aron percebeu que o bárbaro estava mais aberto a conversas, contanto que o lenhador fosse breve... e fizesse poucas perguntas. Kehr parecia encontrar algum conforto falando sobre seu povo, e Aron aprendeu sobre a tribo do Cervo, sobre sua vigília, o dever sagrado de proteger Arreat. Ele também soube como a vigília era a razão de ser da tribo de Kehr, como ela reforçava a conexão deles

com os animais da montanha. Era uma aliança partilhada por todas as tribos bárbaras, a fonte de sua força espiritual.

Em troca, Kehr aprendeu sobre a vida do lenhador na rústica aldeia de Dunsrott. Aron e seu irmão foram criados pelo pai depois que sua mãe sucumbira a uma doença. O pai de Aron, um miliciano veterano, não conhecia nada além da vida militar, e treinara os filhos para ser soldados. Era uma vida dura. Tão dura que o irmão de Aron fugira para o norte, para Ivgorod, para estudar com os monges, e eles nunca mais souberam dele. O pai morrera pouco depois, deixando para Aron uma cabana humilde nas montanhas e um machado gasto. Aron agradecia pelo velho não ter vivido suficiente para ver sua amada Dunsrott cercada e saqueada por aquelas feras imundas. Uma pequena bênção, uma *kaelseff*. Aron frequentemente usava palavras da língua antiga. Kehr fazia pouco do que considerava uma afetação, aquela “reverência simplória por palavras de uma língua morta.” Aron não se ofendia, e sorria apenas.

— Nomes têm poder, Kehr Odwyll — Aron dizia. — Eles têm poder sobre nós.

Kehr grunhiu qualquer coisa e cobriu o peito com o pelego de urso.

A viagem já transcorria sem ataques há vários dias, e o moral estava melhorando. Os batedores khazra ainda os seguiam à distância, mas todos tinham se acostumado à presença deles e ansiavam por deixá-los para trás de vez agora que Hespéria estava mais perto. Kehr calculou mais dois dias até a caravana sair das montanhas. Aron rezava para que a coleta de comida fosse mais farta quando chegassem às terras baixas. Ele e alguns dos homens e mulheres mais fortes agora davam sua parte da ração para o bárbaro. As reservas estavam quase no fim.

O estômago do lenhador roncava quando Kehr se aproximou e deu o sinal da parada. Aron se apoiou cansado em um rochedo do lado da estrada enquanto os outros corriam para erguer o acampamento. Ele notou que apenas as pessoas que tinham se alimentado demonstravam energia: os jovens, os velhos, os feridos... e o bárbaro. Aron sabia que devia falar com Kehr, ver se seria capaz de fazê-lo compreender como as coisas vinham sendo racionadas. Ele decidiu abordar o assunto naquela noite quando o bárbaro voltasse do seu afastamento noturno.

De olhos fixos no sol que se punha, com a boca fechada num ricto sinistro, Kehr tinha os pensamentos bem longe dali. Ele terminou a refeição sem dizer palavra e então partiu em sua jornada noturna em

direção ao poente. Mesmo depois de um dia inteiro de viagem, ainda havia energia nas longas passadas do bárbaro, que homem nenhum devia seguir.

Aron não teria forças para ir atrás de Kehr nem se quisesse. Sentindo a cabeça zonga de fome, ele se assustou quando uma voz de mulher falou alto às suas costas.

— Kehr Odwyll! Se você cruzar com um dos khazra, por favor, traga-o consigo. Alguns de nós perecemos de fome e não recusaríamos comer as partes de bode, para ter forças e continuar a caminhada!

O bárbaro parou. Aron se voltou para ver quem diria tal coisa. Era a fome que fazia as pessoas dizerem coisas impensadas. Era Seytha, que servira comida a Kehr das reservas da caravana toda noite. Ela estava com as mãos nos quadris, sua coragem agora fraquejando, os olhos úmidos brilhando.

Kehr estava de costas para os refugiados, que haviam quedado imóveis. Sua voz ecoou pelas paredes do desfiladeiro.

— O povo de Dunsmott se arrepende de ter pedido meus serviços?

Aron saiu apressado em direção ao bárbaro, com os braços abertos.

— Não, Kehr! Ela não quis dizer...

Mas Seytha falou outra vez, e estava claro que ela remoera aquelas palavras o dia todo:

— Nós passamos fome à sua sombra, bárbaro. Que importa se morremos pela lâmina de um caprino ou pela fome?

Aron ouviu murmúrios zangados de concordância, o som de pessoas cansadas e famintas... Percebeu angustiada que as reclamações se acumulavam contra o protetor. O lenhador se voltou e os encarou, tentando conter a situação antes que ela piorasse.

— A jornada foi difícil para todos nós, Seytha. A comida tem que ir para Kehr porque ele precisa de força para enfrentar os monstros. Assim que sairmos das montanhas nós vamos poder caçar e...

— Nós não sobreviveremos mais dois dias se não encontrarmos o que comer! — O tom da voz de Seytha cortou o ar como uma faca. Logo mais vozes se uniram em protesto. Daln apontou a pá para o bárbaro, que agora encarava o grupo.

— P-p-por q-que ele não t-traz nada dessas sa-sa-saídas noturnas? — perguntou o velho. — Nós damos comida e ele s-s-sai p-p-por aí quando bem q-quer. O dever d-dele é nos ma-manter vivos!

Aron estivera observando a resposta de Kehr à multidão irada. Ele permanecia impassível como se esculpido em pedra, mas a palavra dever o moveu. Aron viu os músculos no pescoço e na mandíbula do bárbaro se contraindo, a respiração subindo em nuvens, prenunciando algum perigo. Kehr se voltou para o lenhador e vociferou, com uma voz que queimava feito brasa:

— Eu já servi a sultões, lordes guerreiros e príncipes mercadores por todas as ilhas do sul. Jamais me bati por tão pouco como agora. — Kehr cuspiu no chão. — Vocês deveriam ter morrido nas montanhas, e morrerão com certeza quando chegarem às terras baixas. Hespéria está cheia de khazra e de coisas piores. Eu deveria ter deixado vocês na Trilha de Ferro. Teria sido um ato de misericórdia.

Desesperado, Aron abriu os braços.

— Por favor, Kehr. Perdoe a insensatez deles. Eles estão com medo e com fome e não sabem o que dizem. Não nos abandone!

O bárbaro parou por um momento e pousou os olhos no lenhador.

— Você viverá se abandoná-los, Aron. Você tem o que é preciso para sobreviver à jornada. Mas se você ficar, você morrerá com eles.

Então o bárbaro se afastou à luz fenecente, acompanhado pelos pedidos e lamentos dos refugiados.

Aron se voltou para seu povo e pousou o machado nos ombros. Ele jamais o sentira tão pesado.



Irmão

Kehr caminhou até não poder mais ver, sentir nem ouvir a presença daqueles aldeões patéticos. O sangue do bárbaro fervia de raiva; os nós dos dedos em seus punhos fechados estavam lívidos. Aqueles tolos! Será que não sabiam que ele detinha suas vidas nas mãos? Será que não percebiam o quanto haviam atrasado Kehr em sua jornada, custando-lhe dias de viagem por uns míseros nacos de pão duro? Como eles ousavam?

O sol desceu lentamente por detrás das montanhas e a fúria do bárbaro se encobriu de frustração. Rugindo, ele sacou Escárnio e, segurando-a com as duas mãos, a atirou na escuridão.

— Venha, irmã! Venha me falar de minha traição! Venha com sua língua negra e diga para mim o que eu sou!

Kehr caiu de joelhos e as sombras o cercaram. Fechou os olhos e ouviu os passos se aproximando. Sua irmã viria, quer ele estivesse protegendo aldeões imbecis ou não. “De que adianta...” O fôlego de Kehr ficou preso na garganta.

O som era o de passos — mas eram muitos passos, batendo agudamente na Trilha de Ferro.

— Eu não sou sua irmã, mas direi o que você é — disse uma voz grave e áspera. Balindo. — Você é um tolo, uma presa e sim, um traidor.

Kehr se ergueu e foi derrubado. O bárbaro rolou e tentou se erguer, mas vários caprinos o seguraram com força. Jogou dois deles para longe, mas foi atingido pelas costas e perdeu a sensação nas pernas. Mais khazra caíram em cima dele e tudo começou a escurecer.

— Chega! Prendam o homem. Tragam-no aqui!

Kehr ouviu barulho de correntes e sentiu algemas frias apertando forte seus pulsos e cortando sua pele. Foi chutado, mordido e erguido com brutalidade. Uma costela estalou. Sangue escorreu por suas costas e braços. Os sons, a dor, a raiva, tudo parecia vir de muito longe.

— Essa estrada é nossa. Você abandonou suas ovelhas tarde demais, bárbaro.

Kehr ergueu a cabeça, piscou para desanuviar os olhos e viu. Diante dele se postava um khazra monstruoso, duas vezes maior do que o maior caprino que ele já vira. A despeito da névoa de sangue e dor, Kehr ficou surpreso. Aquela criatura horrenda era uma abominação até para os padrões dos khazra. A fera tinha ombros maciços terminando em braços grossos que arrastavam os nós dos dedos no chão. A pele era cinza-violácea, marcada por letras e runas sinistras que se estorciam sobre a carne torturada como se estivessem vivas. Em vez de dois chifres recurvos, quatro chifres brotavam do crânio nodoso, espraiando-se para frente como gavinhas grossas de madeira num arco suave ao redor da mandíbula protuberante. Os chifres eram pesados, cingidos de ferro e esculpidos com as mesmas marcas que decoravam a pele. O denso pelo negro, empastado de sangue e riscado com tinturas grosseiras de verde e marrom, recobria as pernas até os cascos de ébano fendido, adornado com pregos ásperos. O monstro ergueu a cabeça e baliu, rindo. Kehr se contorceu ao ver mamilos simiescos pendurados feito peixe seco, perfurados com anéis de cobre bruto. Era uma fêmea.

A khazra estendeu o braço, passando os dedos grosseiros pela cabeça do bárbaro, por sua face e seu pescoço com ternura desajeitada. Kehr engasgou, repugnado. Ela riu, seus dedos agora passando pela cicatriz no peito dele.

— Eu não sou a única marcada com palavras divinas, hein? — Ela falava em tons fétidos que coagulavam ao redor dele em uma névoa azeda. A matriarca seguiu com o dedo as linhas traçadas sobre o coração do bárbaro, marcas que ele mantinha escondidas sob o manto.

— Hah! Você não sabe ler? — prosseguiu a fera, dando um passo para trás e levantando os braços para mostrar as cicatrizes vibrantes. — As minhas palavras me dão fogo e poder... São a dádiva do mestre para mim. Ele me ordenou que tomasse essa estrada. Ele escreveu essas palavras na minha carne e me fez rainha! Mas você? Essas são suas marcas? Ha! Ha!

Nas sombras crescentes, Kehr viu que as marcas da matriarca de fato brilhavam fracamente com uma luz arcana, um brilho violeta que dançava fora de seu campo de visão borrado. Ela se aproximou de um dos caprinos atrás dele.

— Traga os outros. Não os mate ainda. Eu quero que as ovelhas vejam seu protetor covarde!

Kehr ouviu um balido curto em resposta e baixou a cabeça. Outros? Os refugiados tinham sido capturados tão rápido? À pergunta se seguiu a resposta, rápida e brutal. “É claro que sim.” Ele os abandonara. Outra traição.

Mais e mais caprinos chegavam. Duas dúzias, três. Todos mostrando obediência à matriarca, sua rainha vil. Alguns traziam sacrifícios sangrentos, partes irreconhecíveis de feras e humanos, que ela cheirava e enfiava na boca repleta de dentes ou jogava fora. O cheiro de imundície e sangue de bode preenchia o ar.

Enquanto isso, os khazra que seguravam os braços de Kehr o empurraram no chão e o arrastaram até perto dos cascos rachados da matriarca. Ela se agachou e acariciou o corpo do bárbaro, sibilando e dando ordens a seus súditos, que ergueram uma grande fogueira no meio da estrada. A rainha cantarolava suavemente, e suas unhas duras arranhavam o espinhaço do prisioneiro. Kehr sentiu novamente o bafio quente na nuca.

— Você... — sussurrou a rainha. — Você vai servir de montaria por um tempo. Um mascote bárbaro acorrentado será um belo troféu para a rainha do clã do Osso.

Kehr tentou cuspir, mas sua boca estava seca.

Houve gritos à distância, horrivelmente familiares. Ele ouviu a voz de Aron, alta de raiva e depois de dor. Os khazra abriram caminho e os refugiados foram trazidos. Estavam aterrorizados. Alguns soluçavam. Coberto de sangue, desarmado e ainda lutando, Aron era puxado atrás deles por dois caprinos. Um khazra alto, de chifres negros, obviamente preferido pela matriarca, se aproximou dela. Ele carregava o machado de Aron.

— Esse aqui. Ele... ele lutar. Ele matar alguns de nós. — As palavras do caprino eram difíceis de entender, a fala lenta e embolada ao tentar usar uma língua inadequada para os dentes e a mandíbula caprina. Ele não tinha a inteligência de sua mestra, fosse ela adquirida por magia ou naturalmente.

A matriarca riu.

— Ha! Outro lobo em meio às ovelhas! Traga-o aqui.

Aron foi empurrado para a frente e caiu de joelhos. Kehr percebeu que o braço do lenhador estava quebrado e que sangue lhe escorria da boca. O lenhador se levantou arduamente e seus olhos encontraram os de Kehr.

— O quê? Eu pensei que você tivesse escapado. Como eles...

— Ha! — gritou a matriarca, divertida. — Ele começa a duvidar.

Aron encarava a silhueta monstruosa da rainha khazra, e as palavras dela o fizeram tremer. Seus olhos se voltaram para Kehr, deitado diante dos cascos dela. Ela riu novamente.

— Seu protetor? Seu salvador? Este covarde, ele sabia que vocês estavam condenados. Ele pegou a comida de vocês e correu quando viu a emboscada que os esperava. Ele nos viu e jogou a espada fora!

Respirando com dificuldade, Aron contestou:

— Não! Não, ele nos protegeu. Ele... ele matou os...

— Batedores inúteis — completou a rainha. — Fracotes. Peões que eu enviei para manter vocês andando. Andando na minha direção.

Ela se abaixou e acariciou o ombro de Kehr amorosamente.

— Sua fé fácil nesse traidor é bem coisa da sua raça. Não me admira que essas montanhas chorem pedindo meu chicote, chorem pedindo para se ver livres desse ratos que infestam os desfiladeiros. As montanhas imploram para se tornar o trono do clã do Osso.

Os caprinos deram vivas, e armas foram erguidas em uníssono. A matriarca sabia como incitar seu povo.

Aron estava furioso e esqueceu a própria dor. Aproximou-se de Kehr com as mãos em punhos.

— Foi para isso que você quase nos matou de fome? Você fingiu honra e coragem para comer nosso pão e depois correr quando o perigo de verdade chegou?

Aron cuspiu no rosto de Kehr, e à saliva misturava-se sangue.

— Sultões? Lordes? Você traiu nossa confiança por causa dessa khazra vadia!

A matriarca gargalhou. Kerh forçou-se a sentar ereto.

— Não. Lenhador. Aron. Eu protegi vocês... Eu não sabia disso...

A rainha puxou Kerh pelos pulsos e o trouxe para junto de seus cascos antes que ele terminasse a frase. Suas tatuagens místicas brilharam com luz malévola, enviando força arcana para os braços hipertrofiados de músculos. O bárbaro engasgou ao ser erguido no ar, braços esticados para os lados, as longas correntes penduradas dos grilhões como correias de metal.

— Olhe bem, homenzinho. Seu protetor está marcado! Ha! Seus montanheses ignorantes, tinham um aviso claro escrito no peito dele e não viram! Ele está marcado como traidor!

Aron apertou os olhos. O lenhador tremia de raiva.

— Me mate se quiser, khazra. Mas eu quero o sangue desse traidor.

A gargalhada da matriarca tornou-se um uivo, e os outros khazra se uniram a ela dando risadas submissas.

— Sim! Sim! Mate o bárbaro, homenzinho. Mate-o e quem sabe eu permita que você espalhe a fama dos khazra do clã do Osso pelas terras baixas.

— Gherbek! — A rainha chamou seu caprino favorito. — Devolva o machado do lenhador. Ele vai cortar alguns galhos para nós.

O khazra estendeu a arma, dizendo:

— Aqui tem algo para você, verme.

Aron pegou o machado com a mão boa e o usou como bengala, indo na direção do bárbaro. Kehr viu que ele estava gravemente ferido. O sangue do lenhador escorria pelo cabo e pela lâmina do machado, deixando poças rubras atrás de si. A matriarca abaixou Kehr, aproximando-o de Aron como se oferecesse um brinquedo a uma criança. Trêmulo, Aron ergueu o machado e tocou o peito do bárbaro com a lâmina.

— Essa cicatriz — Aron urrou para Kehr. — Você foi marcado como traidor? Diga a verdade, bárbaro. Diga a verdade apenas desta vez.

Kehr abaixou a cabeça. Sua voz estava grave e pesada de vergonha.

— Sim. Eu abandonei meu povo enquanto eles guerreavam com os assoladores de Entsteig. Eu abandonei meu posto e parti para acompanhar uma mulher, a filha de um caixeiro viajante. Eu sou um traidor. Um covarde. E o pior... a tribo do Cervo foi aniquilada junto com a queda de Arreat antes que eu pudesse retornar e implorar perdão.

Kehr ergueu o rosto, sua expressão crispada de remorso.

— Eu não encontrei ninguém vivo, lenhador, então eu mesmo me marquei como traidor. Fui eu quem cortou minha própria carne com uma faca em brasas. Mas eles me amaldiçoaram por retornar... rejeitaram minha penitência. Minha irmã morta... me assombra todas as noites ao pôr do sol. Eles não me perdoam. Nunca perdoarão. Eu não mereço o perdão deles.

O bárbaro fechou os olhos e disse:

— E eu não peço o seu perdão.

A expressão de Aron pareceu distante. Ele pareceu escutar palavras pronunciadas há muitos anos, palavras que soaram duras e verdadeiras, que atravessavam as risadas animais que ecoavam no ar. Apenas Kehr ouviu sua resposta sussurrada.

— Nomes têm poder, Kehr Odwyll. Essa bruxa está errada a respeito dos montanhese. Nossos ancestrais foram os primeiros a criar essas letras antigas que você carrega em seu peito. — Aron se inclinou para diante e continuou. — Eu conheço sua marca, bárbaro. Eu a vi desde que você chegou, mas também vi sua coragem. E isso é um outro tipo de verdade.

O lenhador empurrou o machado, e a lâmina mordeu a pele de Kehr. O bárbaro engasgou.

— Este machado está ungido com meu sangue — disse Aron, numa voz alta e clara. A matriarca riu, surpresa. — E com meu sangue eu altero sua marca.

A lâmina riscou uma linha vermelha pelo meio da cicatriz.

— A lâmina diz que seu nome agora é “irmão”.

A matriarca chiou e deixou Kehr cair. Ela avançou e deu um forte chute no lenhador, que saiu rolando por cima da fogueira num arco de sangue e carne rasgada pelo casco áspero cravejado de pregos. Aron atingiu o chão e lá ficou, lutando para se erguer.

— Tolo! — gritou a rainha dos caprinos. Ela estava furiosa por sua diversão ter-se arruinado. — Você acha que consegue entalhar palavras divinas com esse machado tosco? Acha que tal poder pode ser criado sem um alto custo, sem agonia, sem pactos sombrios?

Ela se abaixou, ergueu o bárbaro pelo grilhões e começou a puxar seus braços cada um para um lado. As runas coloridas em volta dos fortes braços da matriarca se moveram e dançaram enquanto os músculos de Kehr se esticavam com o esforço brutal.

— Eu o despedaçarei feito um pedaço de pão — ela urrou, fazendo o ar vibrar. — E sufocarei seu povo com os pedaços!

Houve um estalo quando um osso saiu das juntas, e Kehr grunhiu.

Aron ergueu a cabeça ensanguentada e disse para o bárbaro torturado:

— Você está perdoado, Kehr.

Os caprinos riram. Um deles enfiou uma lança nas costas de Aron. O lenhador ficou imóvel.

Subitamente um grito agudo e trêmulo de cabra perfurou o céu noturno. Os khazra ficaram em silêncio. Dezenas de olhos amarelentos se voltaram para a matriarca.

A rainha se postava trêmula, dentes tortos rilhando, seu fôlego saindo em gemidos torturados. Abaixou os chifres e enfiou os cascos no chão rachado procurando apoio, mas já não conseguia afastar mais os braços. A matriarca sibilou enquanto Kehr começou a juntar os braços, lento mas inexorável, arrastando os braços dela junto. Lutando contra ele, a matriarca ergueu o bárbaro ainda mais alto.

Kehr curvou as mãos e agarrou os dedos que prendiam seus pulsos. Tarde demais ela tentou soltá-lo, mas agora estava presa.

— Não! — protestou a matriarca entredentes, cuspe espumando pelo queixo. — Minha... minha força é maior! Você... não pode... fazer isso!

Os músculos dela incharam obscenamente enquanto o bárbaro juntava os braços. Um ombro estalou e a matriarca atirou a cabeça para trás dando outro grito perfurante. O bárbaro curvava os braços dela em torno de si em um ângulo doloroso, e ela não conseguia se libertar daquele abraço tenaz. Os caprinos andavam de um lado a outro, nervosos, escutando os gritos de sua rainha ficando mais doloridos e patéticos. Contorcendo-se para se libertar, ela se inclinou para diante... e o bárbaro tocou o chão com os pés.

Ela era dele.

Abaixando-se, Kehr usou o impulso da criatura para levantá-la por cima dos ombros e atirá-la na fogueira com estrondo. Em pânico, os outros khazra se espalharam berrando enquanto toras de madeira em chamas caíam ao redor. O bárbaro urrou para o céu apagado e abriu os braços de uma só vez. Os grilhões arrebentaram e caíram ao chão, correntes tilintando feito carrilhões quebrados.

Guinchando, a matriarca levantou-se, cambaleante, uma silhueta negra contra as chamas. O bárbaro investiu contra ela e pulou no fogo, derrubando o monstro e agarrando-o pelos chifres tortos. Com um giro cruel, Kehr os arrancou da cabeça da khazra e os ergueu bem alto, para logo depois os usar como um porrete, espancando a matriarca ao som de ossos partindo.

A noite estremeceu enquanto os gritos da matriarca se mesclavam à fumaça com agonia. A Trilha de Ferro vibrava em harmonia com os golpes de Kehr Odwyll e a antiga magia ressoava pela serra montanhosa, aceitando a fúria do bárbaro. Aceitando seu sacrifício.

Demorou horas até que a fúria do bárbaro se amainasse. O sol se ergueu em dócil silêncio, banhando os picos de vermelho.

Afastando-se da pira, Kehr derrubou a massa sangrenta ao chão e observou o trecho manchado de sangue da Trilha de Ferro. Nenhum khazra permaneceu, nenhum jamais retornaria. Os refugiados não estavam longe. Kehr os viu reunidos ao redor do corpo de Aron, imóveis de medo.

— Reúnam toda a comida que conseguirem — disse o bárbaro. — Nosso destino nos aguarda a dois dias de viagem.



Vigília

O sol poente pintava o vale de Hespéria com cores mornas de outono. Kehr parou de afiar o machado rústico e se levantou, voltando-se para observar a luz evanescente, sentindo a brisa do entardecer tocando seus longos cabelos já meio grisalhos com ternura familiar. Ele contou o tempo em longos suspiros enquanto o sol descia lentamente por trás da montanha.

Os únicos sons eram os dos pássaros retornando aos ninhos. Nenhum passo, nenhuma palavra. O horizonte manteve seu pacto enquanto ele mantinha a vigília.

Mais pessoas viriam, a interminável fila de refugiados que Aron profetizara, seguindo pela Trilha de Ferro enquanto forças sombrias se reuniam para tomar as montanhas Kohl. O clã do Osso enfraquecera, mas havia coisas piores que os khazra nesses picos. Os aldeões precisavam de um protetor, e as histórias haviam se espalhado desde Hespéria a Ivgorod sobre o Andarilho de Ferro, guardião da trilha. Kehr pousou a mão no peito e começou a descer a estrada outra vez. Os refugiados iriam precisar da proteção de seu irmão novamente.